

Desempenho dos Bancos

2017



**Lucros dos cinco maiores bancos do país
batem recordes em ano difícil para a
economia brasileira**

Rede Bancários

DIIESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

DESEMPENHO DOS BANCOS EM 2017

Lucros dos cinco maiores bancos do país batem recordes em ano difícil para a economia brasileira

NO ano de 2017, os cinco maiores bancos brasileiros em ativos apresentaram lucros expressivos e rentabilidades em alta, a despeito do cenário econômico adverso que o país tem atravessado. Esses resultados se devem, entre outros fatores, à elevação das receitas com tarifas e serviços e, especialmente, à queda nas despesas de captação que acompanharam o movimento de redução da taxa básica de juros (Selic). Também caíram as despesas com impostos (IR e CSLL), parte pela entrada de créditos tributários, parte em função de resultados inferiores em termos operacionais e da intermediação financeira.

Do ponto de vista dos impactos negativos nos resultados, as despesas com empréstimos e repasses cresceram significativamente, sobretudo em função das variações no câmbio, o que levou ainda a perdas de algumas receitas de intermediação atreladas a esse indicador, em especial aquelas com instrumentos derivativos.

Apesar de os elevados resultados dos cinco maiores bancos crescerem a cada trimestre, observa-se significativa reestruturação no setor, com o crescimento das transações virtuais (via mobile e internet) e a redução das estruturas físicas e funcionais, que implicam fechamento de agências e postos de trabalho, situação agravada pela implementação de planos de aposentadoria incentivada e desligamento voluntário pelo Banco do Brasil, Caixa e Bradesco.

Esses são os principais destaques da 13ª edição do estudo *Desempenho dos Bancos*, produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) - Rede Bancários.

Os gigantes do sistema financeiro nacional

Como pode ser observado na Tabela 1, em 31 de dezembro de 2017, o total de ativos das cinco maiores instituições bancárias do país alcançou R\$ 6,0 trilhões, com evolução média de 1,1% em relação a 2016; e seu patrimônio líquido teve alta de 9,8%, atingindo R\$ 468,9 bilhões. As operações de crédito, no montante de R\$ 2,8 trilhões, recuaram 1% no mesmo período.

TABELA 1
Destaques dos cinco maiores bancos
Brasil – 2017

Indicadores	Ano de 2017	Varição (%) 12 meses
Ativos Totais	6,0 trilhões	1,1%
Patrimônio Líquido	468,9 bilhões	9,8%
Operações de Crédito	2,8 trilhões	-1,0%
Receita com as Operações de Crédito	366,8 bilhões	-5,9%
Resultado com TVM	198,9 bilhões	-13,3%
Despesas com Captação no Mercado	295,6 bilhões	-23,7%
Despesas com Empréstimos e Repasses	37,2 bilhões	-
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	100,6 bilhões	-9,8%
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	183,8 bilhões	-2,7%
Receita de Prestação de Serviços e Tarifas	126,4 bilhões	10,1%
Despesas de Pessoal + PLR	98,3 bilhões	5,0%
Resultado Operacional	99,0 bilhões	3,3%
Imposto de Renda e CSLL	21,4 bilhões	-38,5%
Lucro Líquido Total	77,4 bilhões	33,5%
Número de Agências	18.759	-1.314
Número de Funcionários	418.564	-14.080

Fonte: Demonstrações Financeiras Consolidadas dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

A observação dos resultados auferidos por cada um dos maiores bancos do país individualmente revela que o total de ativos do Bradesco¹ obteve variação positiva de 2,7%, chegando a R\$ 1,211 trilhão. Já o do Banco do Brasil apresentou queda de 2,3% e ficou próximo a R\$ 1,4 trilhão, o que fez com que o banco perdesse a primeira posição no *ranking*. A liderança passou a ser ocupada pelo Itaú Unibanco, cujo total de ativos teve

¹ A partir de julho de 2016, o Bradesco consolidou seus resultados com as informações do HSBC Brasil, após conclusão do processo de aquisição do banco inglês. A consolidação dos balanços dos dois grandes bancos afetou vários indicadores de desempenho das cinco maiores instituições financeiras do país, no primeiro semestre de 2017. Todavia, a maior parte desse “efeito HSBC” deixou de ser notada, ao se consolidarem as operações do ano de 2017.

alta de 5,4% nos últimos 12 meses, atingindo R\$ 1,5 trilhão. Esse valor foi alcançado em função da aquisição do banco chileno CorpBanca e, mais ao final do ano, das atividades do varejo do Citibank no Brasil. A Caixa Econômica Federal manteve seus ativos estáveis em 2017, com variação de 0,4% em relação a 2016, o que resultou em um total de R\$ 1,26 trilhão. Por fim, também permaneceram praticamente estáveis os ativos do Santander, com queda de 2,6%, que os levou a R\$ 683,7 bilhões.

Quase metade dos ativos dos cinco bancos é composta por operações de crédito, cujo saldo total, em 2017, foi equivalente a R\$ 2,8 trilhões - ligeiramente inferior (-0,9%) ao do ano anterior. As operações de crédito do Bradesco e do Banco do Brasil tiveram queda de 4,3% e de 3,8%, respectivamente, totalizando R\$ 493 bilhões e R\$ 681,3 bilhões. Na Caixa, a carteira caiu 0,4%, o que levou seu valor a R\$ 706,3 bilhões; e no Itaú, teve pequena variação positiva (0,3%), somando R\$ 593,7 bilhões. O banco Santander foi o único a obter aumento expressivo na carteira de crédito, que, com 7,8% de alta, alcançou R\$ 347,9 bilhões.

Esses resultados relacionam-se ao cenário de acentuada retração da atividade econômica sobre o nível dos investimentos, emprego e renda no país, que vem sendo sentida desde o início de 2015, provocando significativa redução na demanda por crédito. Também a intensa atuação pró-cíclica das instituições financeiras, por meio da desaceleração da oferta de crédito, influenciou o desempenho das carteiras em 2017.

Os bancos públicos que, em outras circunstâncias, atuaram de forma anticíclica, visando incentivar a atividade econômica, seguem atualmente a mesma estratégia das instituições privadas de restringir o crédito e elevar os juros e *spreads* bancários.

Os grandes bancos continuam direcionando os recursos das carteiras de crédito para as linhas de menor risco, como o imobiliário e o consignado, modalidades com as menores taxas de inadimplência. Com isso, observou-se ligeira queda nos índices de inadimplência para atrasos superiores a 90 dias no Bradesco, Itaú, Caixa Econômica e Santander, que variaram entre 2,3% e 4,7%. Apenas o Banco do Brasil apresentou alta nesse indicador, passando de 3,3% para 3,7% em 12 meses. A taxa média de inadimplência do sistema financeiro nacional, em dezembro de 2017, foi de 3,2%.

O Bradesco manteve estratégia conservadora em relação ao provisionamento de sua carteira. Mesmo apresentando a maior queda nas taxas de inadimplência entre os cinco maiores bancos do país (de 0,8 p. p.), foi o único que teve alta nas despesas com

provisões para devedores duvidosos (PDD) no período. Em parte, a estratégia tem relação com a carteira adquirida do HSBC, que apresentava taxas elevadas de inadimplência antes da aquisição. Na média, as despesas com PDD nos cinco bancos caíram 9,8% em 12 meses, totalizando R\$ 100,6 bilhões. No Bradesco, contudo, cresceram 3,8%, somando R\$ 25,1 bilhões. Itaú, Banco do Brasil, Santander e Caixa reduziram essas despesas em 26,0%, 10,3%, 11,0% e 4,2%, respectivamente.

Dentre os itens constantes nos balanços dos cinco maiores bancos, o patrimônio líquido (PL) foi um dos que apresentou crescimento mais expressivo, com alta média de 9,8% e totalizando R\$ 466,4 bilhões. O maior aumento foi verificado no Banco do Brasil (13,2%), que alcançou R\$ 98,7 bilhões, seguido da Caixa, que, com alta de 12,2%, chegou a R\$ 71,4 bilhões. O PL do Bradesco cresceu 10%, atingindo R\$ 110,5 bilhões. O capital próprio do Itaú teve alta de 9,8%, que o elevou a R\$ 126,9 bilhões, enquanto o do Santander apresentou a menor variação no período, com alta de 1,8%, somando R\$ 61,4 bilhões.

Lucros e rentabilidade

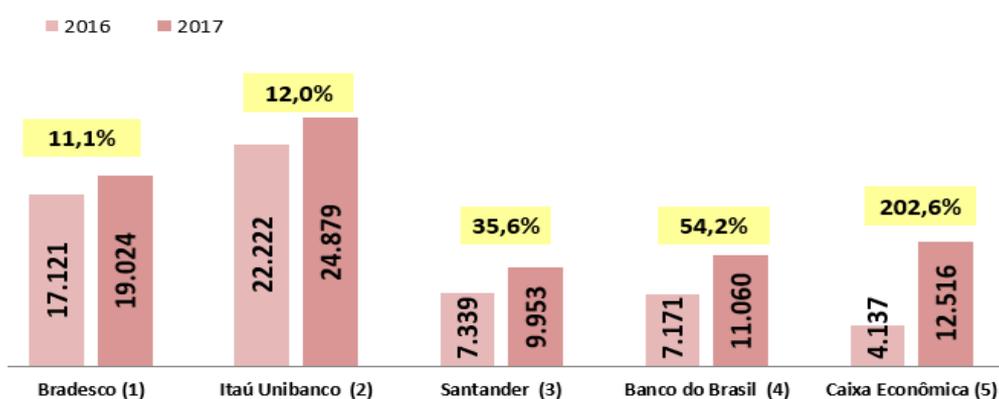
Apesar do cenário econômico adverso enfrentado pelo país em 2017, os lucros dos bancos atingiram recordes históricos. O lucro líquido dos cinco maiores somou R\$ 77,4 bilhões, montante 33,5% superior ao registrado em 2016. Dentre outros motivos, esse desempenho deve-se à queda de quase 24% nas despesas de captação dos bancos - principal despesa das instituições financeiras - por influência da redução da taxa Selic², que, em termos nominais, representou R\$ 91,8 bilhões. Outro fator responsável por essa melhora foi a redução nos valores pagos com impostos e contribuições (IR e CSLL), que será detalhado adiante.

O maior lucro líquido do período foi obtido pelo Itaú Unibanco e correspondeu a R\$ 24,9 bilhões, com alta de 12,0% em 12 meses (Gráfico 1). O segundo maior foi o do Bradesco, de R\$ 19 bilhões, com crescimento de 11,1% - recorde para o banco. Nesses dois casos, os impactos mais significativos foram provocados pela queda nas despesas com impostos e contribuições, correspondente a 37,6%, no primeiro e a 57%, no segundo.

²Redução de R\$ 91,8 bilhões, em termos nominais.

Na Caixa, o lucro líquido apresentou uma expressiva alta de 202,5% em relação a 2016, o que o elevou a R\$ 12,5 bilhões, também uma marca histórica. Neste caso, a alta decorreu da menor despesa de captação e consequente reversão de provisões atuariais para assistência à saúde (o “Saúde Caixa”), gerando um acréscimo não recorrente no lucro de R\$ 4,0 bilhões. Todavia, mesmo que se considere o Lucro Recorrente da Caixa, chega-se a um valor recorde, de R\$ 8,6 bilhões com alta de 72,3% em relação a 2016.

GRÁFICO 1
Lucro líquido dos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Notas: (1) LL Recorrente; (2) LL Recorrente; (3) LL Gerencial; (4) LL Ajustado; (5) LL Contábil

O Banco do Brasil apresentou a segunda maior evolução do lucro líquido no período, com crescimento de 54,2% em 12 meses, alcançando R\$ 11,1 bilhões. Esse resultado foi influenciado pelo crescimento das receitas com prestação de serviços e tarifas e pela queda nas despesas com provisões e despesas administrativas.

O lucro líquido do Santander, por sua vez, cresceu 35,6%, atingindo R\$ 9,9 bilhões, o maior desde que o banco espanhol passou a operar no Brasil.

TABELA 2
Rentabilidade sobre o patrimônio líquido médio dos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017 (em %)

Bancos	Ano		Variação (em p.p.)
	2016	2017	
Itaú Unibanco	20,3%	21,8%	1,5
Bradesco	17,6%	18,1%	0,5
Banco do Brasil	7,5%	10,7%	3,2
Santander	13,3%	16,9%	3,6
Caixa Econômica Federal	6,6%	12,9%	6,3

Fonte: Demonstrações Financeiras Consolidadas dos Bancos. Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

A rentabilidade das maiores instituições do país também foi ampliada em função dos resultados líquidos apurados (Tabela 2). Segundo estudo recente da Consultoria Econômica, a rentabilidade sobre o patrimônio (ROE) dos grandes bancos brasileiros é mais elevada do que a de muitos bancos estrangeiros.

TABELA 3
Os 25 maiores bancos por rentabilidade sobre
o patrimônio líquido com ativos acima de US\$ 100 bilhões
Brasil – 1º sem 2016 e 1º sem 2017 (em %)

Posição	Banco	Pais	Ativo Total US\$ Milhões	ROE %	Data Balanço
1	ItaúUnibanco	Brasil	437.802	18,00	30/06/2017
2	Canadian Imperial Bank Of Commerce	Canadá	560.912	17,06	31/07/2017
3	Royal Bank Of Canada	Canadá	965.456	15,73	31/07/2017
4	Hdfc Bank Ltd	India	139.815	14,97	31/03/2017
5	Bradesco	Brasil	359.447	14,62	30/06/2017
6	Bank Of Nova Scotia	Canadá	728.551	14,39	31/07/2017
7	Toronto Dominion Bank	Canadá	966.529	13,67	31/07/2017
8	US Bancorp	USA	463.844	12,44	30/06/2017
9	Brasil	Brasil	436.979	11,37	30/06/2017
10	Northern Trust Corp	USA	125.606	11,23	30/06/2017
11	Santander BR	Brasil	197.404	11,08	30/06/2017
12	Wells Fargo & Company	USA	1.930.871	10,90	30/06/2017
13	Shinhan Financial Group Co Ltd	Korea	362.425	10,52	30/06/2017
14	Jpmorgan Chase & Co	USA	2.563.174	10,37	30/06/2017
15	State Street Corp	USA	238.274	10,32	30/06/2017
16	Icici Bank Ltd	India	152.026	10,25	31/03/2017
17	Bank Of New York Mellon Corp	USA	354.815	9,56	30/06/2017
18	Fifth Third Bancorp	USA	141.067	9,52	30/06/2017
19	Kb Financial Group Inc.	Korea	369.726	9,47	30/06/2017
20	Huntington Bancshares Inc	USA	101.407	9,31	30/06/2017
21	PNC Financial Services Group, Inc	USA	372.190	9,07	30/06/2017
22	M&T Bank Corp	USA	120.897	8,61	30/06/2017
23	Keycorp	USA	135.824	8,56	30/06/2017
24	Woori Bank	Korea	276.750	8,05	30/06/2017
25	BB&T Corp	USA	221.192	7,91	30/06/2017

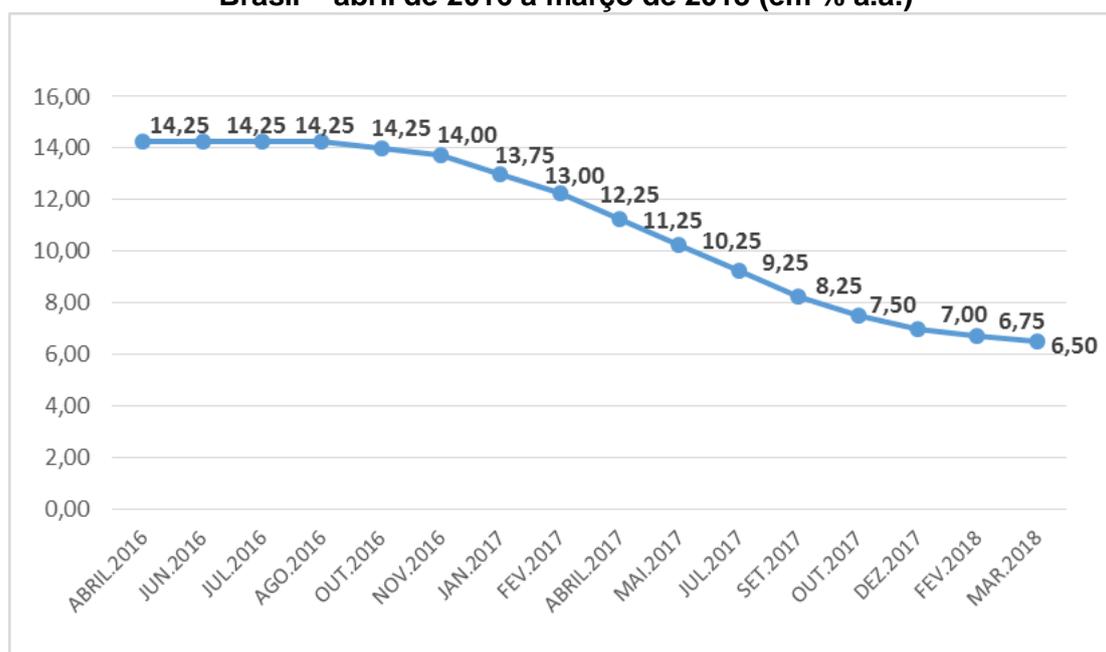
Fonte: Economática

No painel analisado pela Economática, composto por instituições financeiras com ativos totais superiores a US\$ 100 bilhões, entre as 25 com melhor rentabilidade, estão quatro bancos brasileiros (Tabela 3). O Itaú encabeça a lista, com rentabilidade de 18%; seguido pelo Bradesco, que ocupa a quinta posição (14,62%); pelo Banco do Brasil, na nona posição (11,37%); e, finalmente, pelo Santander, na 11ª posição (11,08%). Tal desempenho mantém o setor financeiro brasileiro entre os mais rentáveis no mundo. Vale ressaltar que os valores aqui apresentados são distintos dos que constam na Tabela 2, pois resultam da metodologia de cálculo adotada pela Economática para efeito de comparação.

A influência da redução na Taxa Selic nos resultados do período

As sucessivas reduções na taxa básica de juros da economia (taxa Selic) em 2017 se, por um lado afetaram negativamente os títulos e valores mobiliários (TVM), por outro, reduziram as despesas com captação no mercado, gerando efeito positivo nos lucros dos bancos.

GRÁFICO 2
Evolução da Taxa Selic
Brasil – abril de 2016 a março de 2018 (em % a.a.)



Fonte: Banco Central do Brasil

A conta de resultado com TVM, além de ter sido afetada pelas mudanças na taxa Selic, também sofreu efeitos das variações no câmbio e dos índices de preços, ou seja, a depender da composição da carteira do banco, os impactos serão maiores ou menores em relação a cada item. Em 2017, para o conjunto dos cinco maiores bancos, essa conta recuou 13,3%, totalizando cerca de R\$ 199 bilhões, o que representa queda absoluta de R\$ 30,5 bilhões. As reduções mais acentuadas ocorreram na Caixa (-27,7%) e Santander (-18,6%). A menor variação ocorreu no Bradesco (-5,8%) - Tabela 3.

TABELA 3

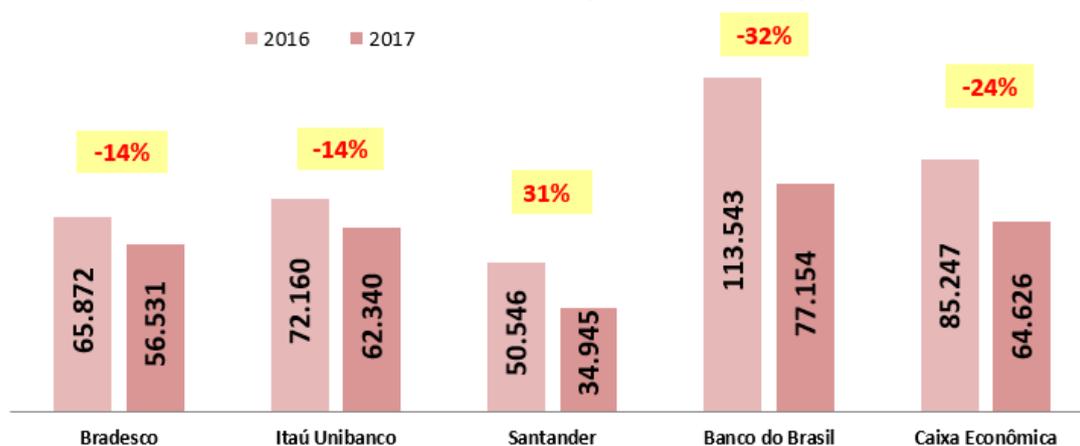
**Resultado com TVM nos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017 (em R\$ milhões)**

Bancos	Ano		Variação (em %)
	2016	2017	
Itaú Unibanco	53.487	49.701	-7,1%
Bradesco	43.834	41.270	-5,8%
Banco do Brasil	57.918	52.144	-10,0%
Santander	23.466	19.099	-18,6%
Caixa Econômica Federal	50.680	36.642	-27,7%
Total	229.385	198.856	-13,3%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Conforme mencionado anteriormente, em 2017, as despesas com captação tiveram queda de 24%, totalizando R\$ 295,6 bilhões e assegurando aos cinco bancos uma “economia” de quase R\$ 92 bilhões. O gráfico 3 mostra que a maior queda ocorreu no Banco do Brasil (-32%), com redução de R\$ 36 bilhões em relação ao ano anterior.

**GRAFICO 3
Despesas com Captação no Mercado dos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017 (em R\$ milhões)**



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

No Santander, a queda foi de 31% (menos R\$ 15,6 bilhões); e, na Caixa, de 24%, ou menos R\$ 20,6 bilhões em despesas com captação no mercado. Por fim, no Itaú, assim como no Bradesco, houve redução de 14% nessas despesas (R\$ 9,8 e R\$ 9,2 bilhões, respectivamente).

Prestação de serviços e tarifas x despesas de pessoal

Os serviços bancários e renda de tarifas, apesar de serem fontes secundárias de receitas, representam parcela importante da receita total dos bancos. Em 2017, esses dois itens aumentaram 10% na comparação com o ano anterior, somando R\$ 126,4 bilhões. A maior alta – de 13,8% - foi verificada no Santander. Bradesco e Caixa tiveram crescimentos parecidos, em torno de 11,5%. No Banco do Brasil, o aumento foi de 9,0%; e, no Itaú, de 7,7%. A Tabela 4 mostra os montantes auferidos por cada banco nessa conta, que variaram, em 2017, entre R\$ 15,6 bilhões e R\$ 35,8 bilhões.

TABELA 4
Receita de prestação de serviços mais renda de tarifas dos cinco maiores bancos Brasil – 2016 e 2017 (em R\$ milhões)

Bancos	Ano		Variação (em %)
	2016	2017	
Itaú Unibanco	33.228	35.802	7,7%
Bradesco	21.577	24.028	11,4%
Banco do Brasil	23.794	25.941	9,0%
Santander	13.718	15.611	13,8%
Caixa Econômica Federal	22.463	25.041	11,5%
Total	114.780	126.423	10,1%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Quanto às despesas de pessoal, os cinco bancos apresentaram crescimento de 5,0%, considerando o pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) aos seus trabalhadores. O maior incremento ocorreu no Bradesco (21,6%), totalizando R\$ 21,0 bilhões, especialmente por conta dos custos com o Programa de Desligamento Voluntário Extraordinário (PDVE), implementado em julho de 2017, logo após a aprovação da Reforma Trabalhista (Lei nº 13.467/2017).

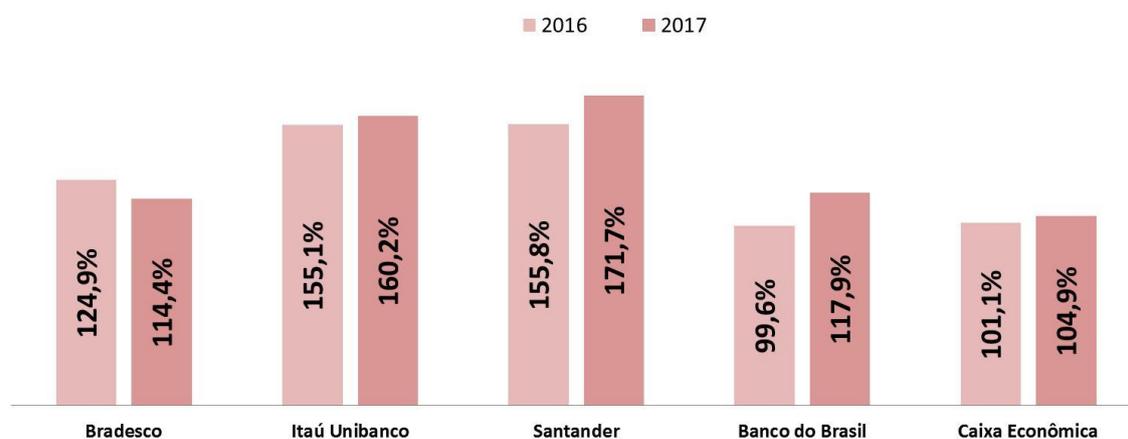
A Caixa apresentou a segunda maior variação nesse item, também em função de um PDV implementado no 1º trimestre do ano e reaberto em julho de 2017. As despesas com pessoal na Caixa cresceram 7,4%, chegando a R\$ 23,9 bilhões. De acordo com a instituição, foram 7.023 adesões ao programa.

No Itaú, essa conta cresceu 4,3%, atingindo R\$ 22,4 bilhões. No Santander, o aumento foi de 3,3% e chegou a R\$ 9,0 bilhões.

Apenas no Banco do Brasil houve queda nas despesas de pessoal - de 8,0% em 12 meses -, totalizando R\$ 22,0 bilhões. Essa redução foi reflexo da eliminação de postos de trabalho realizada no ano anterior, como também do custo do Plano Extraordinário de Aposentadoria Incentivada (Peai) ao final de 2016.

Vale lembrar que as despesas de pessoal compreendem os gastos com folha de pagamento (remuneração, PLR, encargos sociais e benefícios), treinamentos e processos trabalhistas.

GRÁFICO 4
Relação entre as despesas de pessoal
e as receitas com prestação de serviços e tarifas
Brasil –2016 e 2017 (em %)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O Gráfico 4 mostra a relação entre o total da receita advinda da prestação de serviços e tarifas bancárias e o total das despesas com pessoal. Conforme se pode notar, a arrecadação dos bancos apenas com serviços e tarifas é superior - entre 5% e 72% - aos gastos com funcionários. Isso revela que a folha de pagamento é coberta, com folga, por essas fontes secundárias, sem que os bancos precisem recorrer às suas principais receitas, que são as da intermediação financeira, para despesas com pessoal. As maiores coberturas ficaram com o Santander (171,7%) e Itaú (160,2%).

Impostos afetaram positivamente o resultado do período

Uma rubrica que merece atenção nos balanços dos bancos é a dos impostos, na qual estão incluídos, entre outros, o Imposto de Renda (IR) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). Isso porque, em 2015, foi aprovada a Medida Provisória nº 675, convertida na Lei nº 13.169³, que eleva de 15% para 20% a alíquota da CSLL cobrada das instituições financeiras.

É interessante notar que, apesar desse aumento, houve, em 2017, queda de 38,5% no volume de despesas com impostos e contribuições pagos pelos cinco maiores bancos do país em relação a 2016, o que gerou efeito positivo sobre os lucros.

Na Tabela 5, verifica-se que o montante pago em 2017 foi R\$ 13,4 bilhões inferior ao apurado no ano anterior. Essa redução deve-se, em parte, aos menores resultados operacionais e pode indicar alguma utilização de créditos tributários aos quais os bancos faziam jus.

TABELA 5
Resultado com impostos nos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017 (em R\$ milhões)

Bancos	Ano		Variação Absoluta	Variação %
	2017	2016		
Itaú Unibanco	-8.869	-14.210	5.341	-37,6%
Bradesco	-5.144	-11.975	6.831	-57,0%
Banco do Brasil	-4.051	-3.647	-404	11,1%
Santander	-3.278	-6.497	3.219	-49,5%
Caixa Econômica Federal	-54	1.549	-1.603	-
TOTAL	-21.396	-34.780	13.384	-38,5%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Bradesco e Santander apresentaram as maiores reduções no período (-57,0% e 49,5%, respectivamente). No Itaú, o recuo foi de 37,6%. Na Caixa, o saldo foi positivo em 2016, por efeito de créditos tributários, e, em 2017, significativamente menor em relação aos dos demais bancos, representando despesa de R\$ 54 milhões. No Banco do Brasil, ao contrário, essa despesa cresceu (11,1%).

Esse comportamento atípico no pagamento de tributos pelos bancos chamou a atenção do Fisco, que resolveu investigar as causas da redução dos valores recolhidos⁴.

³ Com vigência de 1º de setembro de 2015 até 31 de dezembro de 2018

⁴ Folha de S. Paulo, 25.08.2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1920706-receita-investiga-se-grandes-bancos-do-pais-estao-sonogando-tributos.shtml>

Reestruturação bancária: PDVs intensificam corte de postos de trabalho e muitas agências são fechadas pelos bancos

Bradesco, Banco do Brasil, Itaú e Caixa, juntos, fecharam 1.315 agências bancárias em 2017 (vida tabela 6). O Santander, com apenas uma unidade, foi o único que apresentou saldo positivo.

O Banco do Brasil, em novembro de 2016, anunciou um plano de “reorganização institucional”, que projetava para 2017 o fechamento de 402 agências e a transformação de outras 379 em postos de atendimento (PA). No entanto, em 12 meses, 670 agências haviam sido fechadas. No total dos pontos da rede própria, a redução foi de 1.724 unidades no período⁵.

A Caixa também anunciou que encerraria a atividade de 100 a 120 agências em 2017, mas, ao final do ano, havia fechado apenas 18 delas.

O banco Bradesco, até a metade de 2017, apresentava saldo positivo de agências, devido à incorporação da rede física de atendimento do HSBC Brasil, que, à época, contava com 864 agências. No segundo semestre, no entanto, o banco fechou, rapidamente, um número significativo de unidades e encerrou o ano com saldo de 565 agências fechadas.

Esse movimento está relacionado à política empreendida pelos maiores bancos do país, que visa à migração dos clientes das plataformas tradicionais de atendimento, como as agências bancárias, para os canais digitais (internet e *mobile banking*). Exemplo claro dessa estratégia é o Itaú que, desde março de 2014, fechou 394 agências físicas e abriu 158 agências digitais, o que corresponde a quase 2,5 agências físicas fechadas para a abertura de uma digital. Em 2017, o banco concluiu a aquisição das operações de varejo do Citibank no Brasil, incorporando 71 agências a sua rede, o que reduziu o saldo de agências físicas fechadas de 133 para 62. Durante o ano, o Itaú abriu 25 agências digitais. Deve-se ficar atento ao número de agências físicas adquiridas, uma vez que o projeto definido em 2015 pelo banco é o de fechar, em 10 anos, metade de sua rede e transferir seus clientes para atendimento 100% digital⁶.

⁵ Não é divulgado o número de postos de atendimento, especificamente.

⁶Ver <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2015/08/25/itau-unibanco-pode-fechar-pelo-menos-metade-das-agencias-em-10-anos/>

TABELA 6
Número de agências bancárias nos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017

Bancos	Ano		Variação	
	2016	2017	%	Nominal
Itaú Unibanco sem Citibank	3.653	3.520	-3,6%	-133
Agências Citibank adquiridas pelo Itaú	0	71	-	71
Bradesco	5.314	4.749	-10,6%	-565
Banco do Brasil	5.440	4.770	-12,3%	-670
Santander	2.254	2.255	-	1
Caixa Econômica Federal	3.412	3.394	-0,5%	-18
Total	20.073	18.759	-6,5%	-1.314

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

A reestruturação em curso nos grandes bancos passa pela introdução acelerada de novas tecnologias e digitalização dos processos, mas, principalmente, pelo encolhimento das estruturas físicas e de pessoal.

Com relação ao emprego bancário, desde 2012 observa-se queda contínua no número de trabalhadores. Entre dezembro de 2016 e dezembro de 2017, o total de empregados nas cinco maiores instituições financeiras passou de 432.644 para 418.564, aí incluídos os 2.897 empregados do Citibank absorvidos pelo banco Itaú. O saldo no ano foi de 14.080 postos extintos (Tabela 7).

Com a aquisição do banco HSBC Brasil, o Bradesco incorporou ao seu quadro de empregados cerca de 20 mil trabalhadores. No entanto, entre setembro de 2016 - data da consolidação - e dezembro de 2017, foram eliminados 54% desse total, com mais de 11 mil postos fechados, sendo quase 10 mil em 2017. Como já mencionado, em julho de 2017, o Bradesco anunciou que seu PDVE contou com 7,4 mil adesões, com custo total de R\$ 2,3 bilhões.

TABELA 7
Número de empregados nos cinco maiores bancos
Brasil – 2016 e 2017

Bancos	Ano		Variação	
	2016	2017	%	Nominal
Itaú Unibanco	80.871	85.537	5,8%	4.666
Bradesco	108.793	98.808	-9,2%	-9.985
Banco do Brasil	100.622	99.161	-1,5%	-1.461
Santander	47.380	47.404	0,1%	24
Caixa Econômica Federal	94.978	87.654	-7,7%	-7.324
Total	432.644	418.564	-3,3%	-14.080

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O Itaú Unibanco, desde março de 2011, vem diminuindo sistematicamente seu quadro de funcionários, ultrapassando 22 mil postos fechados desde então. Todavia, com a abertura de 1.769 postos⁷, 2017 foi o primeiro ano em que o banco registrou saldo positivo no emprego.

No Banco do Brasil, foram eliminados 1.461 postos de trabalho em 2017, saldo que, embora negativo, é significativamente melhor do que o relativo a 2016, quando o “Plano Especial de Aposentadoria Incentivada” (Peai), anunciado em novembro, levou à eliminação de mais de 9 mil postos de trabalho somente em dezembro de 2016.

A Caixa, em fevereiro de 2017, anunciou um Programa de Desligamento Voluntário Extraordinário, reaberto em julho. Dessa forma, a instituição concluiu o ano com corte de 7.324 postos de trabalho. No início de 2018, a Caixa já anunciou nova abertura de seu PDV, com meta de atingir quase 3 mil adesões.

O saldo do emprego no banco Santander foi positivo, porém irrisório frente ao total de postos fechados pelos demais. No total, o banco abriu apenas 24 postos em relação a dezembro de 2016.

⁷ Não estão computados neste número os empregados do Citibank que foram incorporados ao Itaú.

Considerações finais

Fatos importantes marcaram 2017 do ponto de vista econômico e político. Permanecem os sinais da recessão iniciada em 2015, com graves consequências sobre o desempenho do mercado de trabalho, tal como revelam as elevadas taxas de desemprego. No campo da política monetária, apesar das sucessivas quedas na taxa Selic, os bancos seguem com taxas de juros extremamente elevadas, restringindo e desestimulando o crédito produtivo e o consumo das famílias e inviabilizando a retomada do crescimento.

Para agravar o quadro, em julho de 2017 foi aprovada a reforma trabalhista que, juntamente com a nova lei da terceirização, está impactando as condições gerais do mercado de trabalho, como mostram os resultados de pesquisas recentes, que apontam aumento da precarização, sobretudo com o crescimento do trabalho informal e por conta própria

Nesse contexto, os bancos, por um lado, ampliam ativos e resultados; e, por outro, apostam na transferência das operações dos clientes para transações em canais virtuais e no enxugamento das estruturas físicas e funcionais de atendimento. Como observado neste estudo, foi encerrado o atendimento em mais de 1.300 agências bancárias em 2017 e continuam sendo eliminando milhares de postos de trabalho no setor em todo o país, inclusive por meio de planos de desligamentos voluntários e de aposentadorias incentivadas.

É crescente, portanto, a necessidade de se aprofundar o debate sobre o papel desempenhado pelo Sistema Financeiro Nacional, tendo em vista que, mesmo diante do cenário de recessão econômica, o setor apresentou resultados muito superiores aos de outras empresas dos mais diversos portes e atividades e, mesmo assim, demitiu, agravando a situação do desemprego no país.



Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente: Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Vice-presidente: Raquel Kacelnikas

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região – SP

Secretário Nacional: Nelsi Rodrigues da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região – SP

Diretor Executivo: Antonio Francisco Da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel – SP

Diretor Executivo: Carlos Donizeti França de Oliveira

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo – SP

Diretora Executiva: Cibele Granito Santana

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas – SP

Diretora Executiva: Elna Maria de Barros Melo

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco – PE

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul – RS

Diretor Executivo: Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba – PR

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia – BA

Diretor Executivo: Sales José da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região – SP

Diretora Executiva: Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Direção Técnica

Diretor técnico: Clemente Ganz Lúcio

Coordenadora de pesquisas e tecnologia: Patrícia Pelatieri

Coordenador de educação e comunicação: Fausto Augusto Júnior

Coordenador de relações sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira

Coordenadora administrativa e financeira: Rosana de Freitas

Rede Bancários

Barbara Valejos, Cátia Uehara, Felipe Miranda, Fernando Amorim, Gustavo Cavarzan, Pedro Tupinambá, Valmir Gongora, Vivian Machado